

ADOLESCÊNCIA E ESPIRITUALIDADE: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS ENTRE EDUCAÇÃO E SAÚDE

Gleisy Vieira Campos¹
Katiúscia Pereira da Silva Anjos²
Maria Eliane de Oliveira Coelho³

RESUMO

Este artigo busca verificar por meio da pesquisa bibliográfica, os estudos relacionados à adolescência e espiritualidade no âmbito da educação e saúde. Dessa forma, apresentamos no texto algumas reflexões pertinentes à adolescência, compreendida como categoria histórica e socialmente constituída e à espiritualidade como dimensão que abrange todo o ser humano, integrando interioridade e exterioridade. no âmbito da educação e saúde. Para tanto, utilizaremos os estudos e investigações de autores como: Coimbra; Bocco; Nascimento (2005), Dal-Farra (2010), Santos (2010), Leonardo Boff (2012), Reichow (2015), Ribeiro et.al (2016), e de documentos legais como LDBEN, 9394/1996, ECA/1990, e Constituição da Organização Mundial de Saúde (1946). Assim, as reflexões sobre a temática evidenciam sua relevância nos processos que envolvem a saúde e educação do adolescente, pois favorece na promoção de saúde, prevenção, cuidado e educação para uma cultura de paz.

Palavras-chaves: Adolescente, Espiritualidade, Educação e Saúde.

1 INTRODUÇÃO

Adolescente, espiritualidade, saúde, educação. Palavras repletas de significados, sentidos histórica e culturalmente constituídos, que revelam a complexidade e o desafio de colocar em um único texto, limitado à algumas páginas, as questões que demarcam o campo de diálogos entre adolescência e espiritualidade, mediados pelos estudos e pesquisas da área de saúde e educação.

Para direcionar as nossas reflexões este ensaio teórico tem como objetivo verificar os estudos relacionados à adolescência e espiritualidade no âmbito da educação e saúde, e sua relevância na formação do(a) adolescente. Assim, é pertinente esclarecermos: o que é adolescência? O que é ser adolescente? O que espiritualidade? Como as questões relacionadas a espiritualidade, dialogam com a educação e saúde e suas contribuições à formação do(a) adolescente?

¹ Mestra do Curso de Educação da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, professora do IFBAIANO – campus Senhor do Bonfim, gleisy_campos@hotmail.com;

² Mestranda do Curso de Educação da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, professora da rede municipal de Itabuna, katiuscia2006@yahoo.com.br;

³ Especialista do Curso Educação Especial pela Universidade Estadual de Santa Cruz, professora da rede municipal de Itabuna, eliane_meoc@yahoo.com.br;

Neste sentido, nossas discussões serão permeadas por uma concepção de adolescente que não se limita à definição classicamente postulada na psicologia, na qual a adolescência é definida como uma fase normativa do ciclo vital psicológica e biologicamente determinada, marcada por crises, principalmente sexuais e identitárias, entre elas a crise vocacional e ocupacional (BOHOSLAVSKY, 1977).

O adolescente e as adolescências serão evidenciados numa perspectiva sócio-antropológica, na qual o adolescente é concebido como sujeito cultural, ator social e adolescência como categoria geracional, que tem uma evolução histórico-social e cultural, marcada pela pluralidade e diversidade, assim não podemos falar de adolescência, mas sim de adolescências.

Na sequência, destacaremos os estudos sobre espiritualidade relacionados à saúde e educação, e como esse diálogo intersetorial e a troca de conhecimentos e experiências são fundamentais no acompanhamento e atendimento ao adolescente.

Tendo em vista o tema e objetivo proposto, o tipo de pesquisa adotado nessa investigação caracteriza-se como bibliográfica, pois, conforme define Severino (2016), é realizada a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, dissertações, teses etc. Quanto à natureza dos dados, utilizamos a pesquisa qualitativa, que permite analisar e identificar os principais aspectos do objeto estudado neste trabalho.

Para tanto, utilizaremos os estudos e investigações de autores como: Coimbra; Bocco; Nascimento (2005), Dal-Farra (2010), Santos (2010), Leonardo Boff (2012), Reichow (2015), Ribeiro et.al (2016), e de documentos legais como LDBEN, 9394/1996, ECA/1990, e Constituição da Organização Mundial de Saúde (1946). No primeiro momento buscaremos definir o conceito de adolescente e adolescência em uma perspectiva sócio-antropológica e trazer reflexões acerca de ser adolescente e viver a adolescência no século XXI. Em seguida, faremos uma reflexão sobre a espiritualidade a partir do olhar da saúde e da educação e na sequência teceremos um breve diálogo sobre a relação entre adolescência e espiritualidade.

2 METODOLOGIA

Conforme o tema e objetivo proposto, o tipo de pesquisa que adotamos para este estudo é a bibliográfica, pois segundo Fonseca (2002, p.32) “é feita a partir do levantamento de referenciais teóricos já analisados, e publicadas por meios impressos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”

Por meio da pesquisa bibliográfica foi possível localizar e consultar nas fontes disponíveis, decorrentes de pesquisas anteriores, informações sobre o tema de estudo, bem como sistematizar os conhecimentos investigados, possibilitando assim, alcançar os objetivos propostos.

Portanto, utilizamos no presente estudo, artigos publicado em periódicos online e impresso, livros e sites eletrônicos.

3 EM BUSCA DO CONCEITO DE ADOLESCENTE E ADOLESCÊNCIA

Várias áreas de conhecimento como direito, medicina, psicologia, administração, sociologia, entre outras dedicaram-se a compreender a adolescência e produzir teorias e conceituações, visando elaborar definições que abrangessem a temática adolescente.

No direito, podemos evidenciar as ordenações jurídica e legal como o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente); na medicina e psicologia do desenvolvimento, o estudo do desenvolvimento biológico e psicológico; na administração, a tipificação dos jovens em grandes grupos homogêneos como são as propostas da Geração Y (1980 a 2000) e da Geração Z (2000 em diante); na sociologia e psicologia social, a compreensão da juventude como grupo ou condição social e como identidade e papel psicossocial (RIBEIRO, et.al, 2016).

As contribuições dos diversos campos de conhecimento para compreensão da adolescência são essenciais, pois é fato que sua delimitação envolve tanto critérios cronológicos/etários e físicos, quanto sociais e culturais. Mas, nesse estudo, apesar de considerar relevante as contribuições da medicina, biologia, psicologia do desenvolvimento na delimitação da adolescência, cabe reconhecer certa arbitrariedade que, de fato, não demonstra a diversidade da condição socioconstruída do adolescente (HORTA & SENA, 2010).

Práticas baseadas nos conhecimentos da medicina e da biologia, em especial, vêm afirmando, que determinadas mudanças hormonais, glandulares, corporais e físicas pertencentes a essa fase seriam responsáveis por algumas características psicológico-existenciais próprias do adolescente. Tais características passam a ser percebidas como uma essência, em que "qualidades" e "defeitos" como rebeldia, desinteresse, crise, instabilidade afetiva, descontentamento, melancolia, agressividade, impulsividade, entusiasmo, timidez e introspecção passam a ser sinônimos do ser adolescente, constituindo uma "identidade adolescente". Segundo Coimbra, Bocco e Nascimento, 2005, p.6)

Quando se aceita definição de uma "identidade adolescente" afirma-se um determinado jeito correto de ser adolescente e viver a adolescência. Ao colarmos uma etiqueta referendada por leis previamente fixadas e embasada nos discursos científico-racionalistas, pode-se criar um território específico e limitado para o adolescente, uma

identidade que pretende aprisioná-lo e localizá-lo, dificultando possíveis movimentos. Ao se reafirmar a homogeneidade, nega-se a multiplicidade e a diferença.

Nesse sentido, pensar a adolescência como categoria social, que se inter-relaciona a outras categorias estruturais como classe social, gênero, grupos étnicos e outros grupos de idade, é essencial para compreendermos seu caráter plural e multifacetado, bem como as questões “inerentes às práticas culturais da adolescência”.

Não podemos falar em adolescência, mas adolescências, no plural, pois existem adolescências mais pobres e mais ricas, adolescências superprotegidas, abandonadas, socorridas, atendidas, amadas, desarmadas, armadas, adolescências “cyber” e “ninjas”⁴; adolescentes que vivem em aldeias, palácios, palafitas, moram nas favelas, nos subúrbios e na zona sul, adolescentes negros, brancos, adolescentes espontâneos, criativos, questionadores, exigentes, adolescentes sem pai, sem mãe, sem nada, etc. (DORNELLES, 2008)⁵.

É inquestionável e evidente a existência de múltiplas adolescências e de adolescentes com vivências e experiências diversas e adversas, constituídas em contextos que não se limitam às relações estabelecidas nas escolas e famílias, mas também nas ruas, nos parques, nos hospitais, nas *lan-houses*, nas redes sociais, nos clubes etc.

Diante desses contextos diversos de interação, associado às demandas e exigências de uma sociedade capitalista e marcada pela transição de modelos, no qual velhos modelos ainda existem e novos modelos ainda não se consolidaram. Essa transição relega o sujeito a experimentar desafios sociolaborais, relacionais e culturais ambíguos e contraditórios que não guardam relação direta com os modelos adultos consolidados, gerando mais dúvidas e incertezas do que garantias. (RIBEIRO et. al, 2016)

Salientamos que, ao entender a adolescência ou a juventude como um processo necessariamente atravessado pelas condições sociais, econômicas e culturais, não podemos negar que parte da população não passa pelos processos ou apresenta as características descritas, sendo que, em alguns casos, a passagem da infância para o mundo adulto ocorre diretamente. Contudo, as mudanças sociais e o mundo do trabalho afetam a todos direta ou indiretamente, de formas possivelmente diferentes e com menor ou maior intensidade

⁴ Adolescência ninjas referindo-se àquelas adolescência à margem das tecnologias, da família, do lar, que se encontram em situação de abandono ou ainda as adolescências *cybers*, adolescências essas compostas por adolescentes altamente globalizadas, com acesso a maioria das tecnologias de informação, conhecimento e entretenimento, e que assustam a maioria dos pais e educadores por, em muitos momentos, não conseguir mais controlá-las.

⁵ A autora utiliza esses conceitos para falar da infância, trago para essa discussão no contexto da adolescência, pois são categorias geracionais que dialogam.

As experiências de ser adolescente no século XXI, são marcadas muitas vezes pela falta de referência, de uma realidade efêmera e instantânea, como diz Bauman (2001) de uma sociedade líquida um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível.

Essa experiência é influenciada pela cultura do consumo e por contradições, pelas tecnologias de comunicação e informação, pela fragilidade e “liquidez” do sistema de valores sócio-morais contemporâneos e pelas novas configurações familiares. Toda essa conjuntura atual influencia intensamente os comportamentos dos adolescentes, os significados que desenvolvem e a própria adolescência.

Os efeitos dessa sociedade líquida, fluída e efêmera, tem afetado diretamente os adolescentes, que apresentam ao longo do período da adolescência comportamentos crescentes de ansiedade, automutilação, depressão, suicídio, violência, além do uso de drogas e conflitos familiares.

Diante de tal realidade, a preocupação com educação e saúde dos adolescentes numa perspectiva integral, que contemple aspectos cognitivos, sociais, físico e espiritual, torna-se urgente. Dentre os aspectos evidenciados, observamos que existe uma lacuna no que se refere ao trabalho da espiritualidade. Ainda é causador de estranheza o estudo e o trabalho do tema em diversos contextos sociais, sendo assim, é pouco abordado ou até ignorado.

Para entender as questões em torno da espiritualidade, apresentaremos no próximo subtítulo algumas definições, distinções, estudos e pesquisas realizados na área de saúde e educação, bem como refletiremos sobre a importância da espiritualidade na vida dos adolescentes.

3. ESPIRITUALIDADE: REFLEXÕES NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

Apesar da evidente negação e estranheza que o tema da espiritualidade apresenta em alguns contextos sociais, é necessário destacar que a dimensão espiritual, é evidenciada em documentos legais, resoluções e diretrizes que garantem e orientam a educação e saúde.

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA /1990 em seu "Art. 3º. afirma que a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana [...] assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, **espiritual** e social, em condições de liberdade e de dignidade.

A LDBEN nos seu Art 2º define que a educação tem como foco o pleno desenvolvimento da pessoa, a preparação para o exercício da cidadania da cidadania e a qualificação para o trabalho, assim, ratifica integralmente o previsto no ECA.

A Organização Mundial de Saúde define saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental, espiritual e social. Estudos feitos pelo professor Dr. Rodrigo Toniol, publicados no artigo “ Atas do Espírito: a Organização Mundial da Saúde e suas formas de instituir a espiritualidade” revelam que a presença da noção de espiritualidade, está presente em atas, memorandos, transcrições de discursos, resoluções oficiais e relatórios da OMS. Toniol (2018, p. 268) revela que

Em maio de 1984, acadêmicos, técnicos e políticos se reunirão na se da OMS, em Genebra, Suíça, por ocasião da 37ª assembléia geral da instituição. Entre tantas outras resoluções aprovadas naquela ocasião, com as quais eu tomava contato a partir da consulta direta aos arquivos da agência, uma em particular reteve minha atenção. Tratava-se da decisão WHA37.13, cujo conteúdo pode ser sintetizado nos seguintes termos: tendo considerado o relatório da direção geral [da OMS] sobre a dimensão espiritual para o “Programa saúde para todos no ano 2000” e também acompanhando as indicações do Comitê executivo sobre a resolução EB73. R3, a assembleia: [...] reconhece *que a* dimensão espiritual tem um papel importante na motivação das pessoas em todos os aspectos de sua vida. *Afirma* que essa dimensão não somente estimula atitudes saudáveis, mas também deve ser considerada como um fator que define o que seja saúde. *Convida* todos seus Estados-membros a incluírem essa dimensão em suas políticas nacionais de saúde, definindo-a conforme os padrões culturais e sociais locais (grifos originais).

Os textos dos documentos destacados, oficializam e evidenciam a importância da espiritualidade no contexto da saúde, porém é necessário destacar que os limites conceituais a respeito da questão da espiritualidade não são bem definidos, especialmente em relação a religiosidade, pois até a virada do século XIX, religião e espiritualidade foram consideradas como uma mesma coisa. (DAL-FARRA, 2010, p.2)

Cabe neste ponto definir com mais clareza a acepção adotada por alguns autores para espiritualidade. Segundo Koenig et al. (2001) apud Reichow (2015, p.160)

A religião é definida como um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos delineados para facilitar a proximidade com o sagrado e o transcendente (Deus, Poder Maior ou Verdade/Realidade Final/Máxima) e espiritualidade como a busca pessoal por respostas compreensíveis para questões existenciais sobre a vida, seu significado e a relação com o sagrado ou transcendente que podem (ou não) levar a ou resultar do desenvolvimento de rituais religiosos e formação de uma comunidade.

Assim, a e dimensão da espiritualidade mais do que acrescentar um novo conhecimento é a maneira de ver o universo dos acontecimentos numa nova perspectiva, onde uma abertura para a reflexão sobre questões essenciais e existenciais passa a ocorrer.

Apesar, das relações conflituosas ou amistosas entre religião/espiritualidade (R/E) e ciência, têm sido uma área de crescente interesse acadêmico e do público em geral, tanto no

contexto da saúde como da Educação tem crescido o número de grupos e núcleos de estudos, além de disciplinas que promovem o diálogo entre educação e espiritualidade; saúde e espiritualidade no contexto das instituições de Ensino Superior. É pertinente destacar o Grupo de Estudos de Educação e Espiritualidade da UFMG, o Núcleo de Estudos de Saúde e Espiritualidade da UFMG e da UFJF, entre outros grupos e excelentes estudos e pesquisas que tem se despontado na temática e contribuído na promoção e educação em saúde.

Portando, as reflexões até o momento tecidas, evidenciam a relevância da espiritualidade na formação integral dos sujeitos, pois segundo Reichow (2015, p.164).

é a dimensão que impulsiona o ser humano à busca do sagrado, do transcendente, do sentido e de respostas aos aspectos fundamentais da vida. É também a dimensão que o coloca diante das suas questões mais essenciais, na busca de resposta às perguntas existenciais: De onde vim? Para onde vou? Qual é o sentido da minha vida? Que lugar eu ocupo neste universo? Que propósito tem minha vida? Por que aconteceu isso comigo? Visto que a questão fundamental do ser humano contemporâneo é a de busca de sentido.

Diante das demandas de ordem física, mental, social, econômica e cultural que afetam diretamente o adolescente do século XXI, marcado pela transição criança-adulto; a busca por novas experiências; as cobranças em relação ao futuro; dúvidas internas que precisam de respostas, entre outros processos permeados por questões de classe, de gênero, étnico-racial, de religião e intergeracional, torna-se real, a necessidade de contemplar na formação dos adolescentes a dimensão espiritual.

A educação e saúde precisam considerar cada adolescente de forma abrangente, incluindo seu desenvolvimento mental-intelectual, mas também sua corporeidade, sua vida emocional, seu aspecto sociocultural (identidade, relações e interações, pertencimento, regras e combinações, percepção de contextos sociais, etc.) e também o seu aspecto espiritual, ou seja, sua dimensão inerentemente livre e criativa, comum a todos os seres.

Conforme Santos e Incontri,

somente através de um processo educacional amplo, plural e interdisciplinar envolvendo a saúde, a espiritualidade e a educação, poderemos encontrar uma posição conciliatória que contemple de maneira científica o lado material e espiritual do ser humano e avance em uma proposta de cuidar, **educar** e de curar. (2010, p. 492). (Grifo nosso)

Evidencia-se com as reflexões construídas, que a parceria entre educação e saúde de forma intersetorial, com integração de saberes e de práticas, possibilitará atuar na promoção e educação em saúde, comprometidas com as demandas e necessidade dos adolescentes numa perspectiva integral, por meio da interação entre corpo, mente e espiritualidade.

Leonardo Boff (2012) diz que a espiritualidade abrange todo o ser humano enquanto energia, sentido e vitalidade, integrando interioridade, exterioridade e profundidade, nas

relações consigo, com os outros, com a natureza, com o Transcendente e com a sociedade. As relações são inerentes à cultura. Porém, a qualidade das relações é que dará sentido à vida e à busca da espiritualidade.

Nesse sentido, o Programa Saúde na Escola, como potencial articulador e integrador da educação e saúde, precisa contemplar de forma explícita em suas metas, ações relacionadas à espiritualidade, como forma de promover saúde, prevenir e educar para uma cultura de paz.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Mediante a discussão apresentada podemos perceber que a espiritualidade tem se revelado temática de interesse de alguns estudiosos acadêmicos e do público em geral, dada sua relevância na formação integral do sujeito. Tendo em vista, as peculiaridades e conflitos emocionais próprios das adolescências, entendemos como essencial considerar o aspecto espiritual ao dispensar cuidados à saúde e educação desse público que vivência uma fase tão especial e delicada da sua vida.

Enfim, acreditamos que mediar ações de intervenção na saúde e educação que contemplem questões sobre espiritualidade, favorece na qualidade das relações, induz mudanças inspiradas em valores como justiça, diversidade, respeito e solidariedade. Possibilita assim, a construção cotidiana de uma cultura de paz, que viabiliza a redução dos níveis de violência, por meio de ações fundamentadas na educação, saúde, participação cidadã e melhoria da qualidade de vida das crianças, adolescentes e jovens que residem no território de responsabilidade compartilhada entre educação e saúde.

REFERÊNCIAS

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; LUCCHETTI, Giancarlo. Panorama das pesquisas em ciências, saúde e espiritualidade. **Revista Ciência e Cultura**, Campinas, São Paulo, n. 68, v. 1, p. 54-57, 2016.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Câmara dos Deputados, Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, 2001.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ética e na espiritualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BOHOSLAVSKY, R. (1977). **Orientação vocacional**: A estratégia clínica. São Paulo: Martins Fontes.

COIMBRA, Cecília.; BOCCO, Fernanda.; NASCIMENTO, Maria Lívia Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005. Disponível em: <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/6/9>. Acesso em: 01 de dezembro de 2018.

DAL-FARRA. Rossano André. Educação em Saúde e Espiritualidade: proposições Metodológicas. Revista Brasileira de Educação Médica. Universidade Luterana do Brasil, Canoas: RS, 2010. Disponível em: www.sielo.br/pdf/rbem/v34n4/v34n4a15.pdf. Acesso em 01 de dezembro de 2108.

DORNELLES, Leni Vieira. Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber. Petrópolis: Vozes, 2008.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

HORTA, Natália de Cássia., & SENA, Roseni Rosângela de. (2010). Abordagem ao adolescente e ao jovem nas políticas públicas de saúde no Brasil: um estudo de revisão. **Revista de Saúde Coletiva**, 20, 475-495.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO)- 1946. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS/Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>. Acesso em: 18 maio 2018.

REICHOW, Jeverson Rogério Costa. Educação, Espiritualidade e Saúde . In: **Educação e espiritualidade** [recurso eletrônico] : tessituras para construção de uma cultura de paz / org. Eliana Maria do Sacramento Soares, Jane Rech. – Caxias do Sul, RS : Educus, 2015.

RIBEIRO, Marcelo Afonso et.al . Ser adolescente no século XXI. In: LEVENFUS, Rosane Schotgues (Org.) Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SANTOS, Franklin Santana; INCONTRI, Dora. A arte de cuidar: saúde, espiritualidade e educação. **O Mundo da Saúde**, v. 34, n. 4, p. 488-497, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2016.

TONIOL, Rodrigo. Atas do espírito: a Organização Mundial da Saúde e suas formas de instituir a espiritualidade. **Anuário Antropológico II**, 2108. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/2330>. Acesso em 01 de dezembro de 2108.